

OLHARES PARA OS MUSEUS E A CIDADE NA CONTEMPORANEIDADE: VÍDEOS - CONCEITO

TALITA CORRÊA VIEIRA SILVA¹; EDUARDO ROCHA²

¹Universidade Federal de Pelotas – talitamuseologa@hotmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – amigodudu@yahoo.com.br

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho é parte de pesquisa¹ que tem a intenção de problematizar, a partir da experiência, o espaço do museu na cidade na contemporaneidade.

Os museus, compreendidos como lugares de memórias e identidades, sempre existiram nas sociedades, funcionando de diferentes maneiras, conforme o período da história que for analisado. Desde a Grécia Antiga, quando dava nome a um templo em Atenas, até os dias atuais, esse espaço foi alternando seu lugar nas cidades e, também, modificando sua função, ora espaços de contemplação, ora de ensino, ora representativos. Conforme a Lei nº 11.904, de janeiro de 2009, os museus são espaços que “[...] conservam, investigam, comunicam, interpretam e expõem, para fins de preservação, estudo, pesquisa, educação, contemplação e turismo, conjuntos e coleções de valor histórico, artístico, científico, técnico ou de qualquer outra natureza cultural, abertas ao público, a serviço da sociedade e de seu desenvolvimento”. Para além disso, podemos pensar que os museus podem ser, também, espaços que produzem sensações nas pessoas, como possíveis espaços de experiência, que produzem sentido para as pessoas, e que possam, talvez, nos fazer pensar sobre quem somos, onde estamos e, quem sabe, como nos tornamos o que somos.

A cidade, como o espaço da complexidade, da diversidade, da mutação. Que, mesmo na sua estruturação, cresce de forma caótica, tem sua estrutura organizada por ruas, avenidas, praças, parques, calçadas que estão envolvidos por diversos prédios: residências, lojas, hospitais, prédios públicos e privados, teatros, bibliotecas, museus. As cidades, têm suas histórias, suas formações e seus períodos políticos, econômicos, sociais e culturais. Juntamente com seus processos, ele mesma se processa e se modifica, seus centros podem mudar de lugar, seus prédios podem adotar novas funcionalidades, seus bairros podem aumentar, suas vidas podem se transformar, porque os espaços variam, se tornam outros espaços e passam a gerar novos encontros. Essas são características decorrentes do período que vivemos, o contemporâneo, o momento do agora, o nosso tempo, que gera uma relação única com o próprio tempo, aderindo a ele e também se distanciando dele (AGANBEM, 2009).

Esse estudo inicial tem como recorte a cidade de Pelotas, especificamente o centro da cidade. Trabalhou-se com três museus da cidade: o Museu do Doce², o Museu de Arte Leopoldo Gottuzzo³ e o Museu de Ciências Naturais Carlos Ritter⁴. Estes foram escolhidos por estarem vinculados a Universidade Federal de Pelotas, porém se tratam de museus com tipologia de acervo diferentes e públicos

¹ Pesquisa em desenvolvimento no curso de mestrado do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, na Universidade Federal de Pelotas.

² Localizado à Praça Coronel Pedro Osório, nº 8, Pelotas, Rio Grande do Sul.

³ Localizado à Rua General Osório, nº 725, Pelotas, Rio Grande do Sul.

⁴ Localizado à Rua Barão de Santa Tecla, nº 576, Pelotas, Rio Grande do Sul.

diversificados. Poderíamos dizer, também, que estes foram escolhido por se localizarem no centro da cidade e de certa forma estarem próximos um dos outros, o que poderia sugerir caminho(s) entre eles, formando um território para análise da cidade.



Figura 1: Centro de Pelotas - Mapa dos Museus da UFPel. Fonte: Google Earth. Edição: Talita Corrêa Vieira Silva

2. METODOLOGIA

Esta pesquisa tem cunho qualitativo e a metodologia tem inspiração na cartografia, termo da Geografia que denomina a arte ou técnica de elaboração de mapas ou cartas geográficas a partir dos movimentos de transformação de uma paisagem. Este termo é utilizado por Gilles Deleuze e Felix Guattari (1995) para narrar e expor mapas sociais, políticos e existenciais. Assim, a cartografia é um traçado que se faz junto aos movimentos de transformação de paisagens. Que se difere do mapa convencional, que representa um todo estático, quando acompanha processos, que acontecem em virtude da construção e da desconstrução de certas realidades, criadas a partir de modos de viver e de se relacionar com o mundo.

A cartografia, pode ser, também compreendida como uma análise que acompanha os efeitos dos agenciamentos que fazemos, daquilo que colocamos para conviver, para construirmos um território para análise. Talvez como uma biografia de uma geração, onde as experiências coletivas pedem passagem, onde se escutam as intensidades, a vibração dos fluxos nos corpos. Tentando dar destaque para aquilo que não é visível, e nem por isso é menos reconhecido, ressaltando aquilo que está além da razão, ressaltando aquilo que sentimos.

Segundo Eduardo Rocha (2008), uma forma de ler e compreender o espaço urbano se dá a partir da cartografia urbana, fazendo o pensamento pensar a cidade, o território, de maneira a interpretar e representar as trocas e os acontecimentos realizados na cidade contemporânea, como uma espécie de microanálise do ambiente urbano em conjunto às problemáticas atuais.

Essa cartografia terá traços etnográficos, utilizando estratégias dessa metodologia da antropologia para ir a campo e coletar dados, bem como para escuta

dos atores sociais que fazem parte do universo observado, para auxiliar na compreensão do fenômeno urbano que está sendo estudado.

Para tanto, foram escolhidos os seguintes procedimentos metodológicos: entrevistas com visitantes, trabalhadores e pesquisadores dos museus estudados e com os alunos que participaram do experimento, observação *in loco*, revisão teórica, experimento com um grupo de estudantes de graduação do curso de Arquitetura e Urbanismo, entre outros procedimentos que poderão surgir com o decorrer da pesquisa.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Nesse primeiro momento da pesquisa, foi feito um experimento com um grupo de alunos da disciplina de Cidade e Comunicação Audiovisual, do curso de Arquitetura e Urbanismo, ministrada pelo Prof. Eduardo Rocha, que tem como objetivo criar peças fílmicas que versem sobre a cidade na contemporaneidade. Foi sugerido ao grupo que fosse feito um vídeo-conceito, abordando a temática “Museu e Cidade”. Esse vídeo, que deveria ter não mais que 1 minuto de duração, teria a intenção de mostrar como é o olhar de estudantes de arquitetura para a cidade e, especialmente, para os museus da cidade. Desse experimento surgiram três vídeos, elaborados por grupos menores, com três alunos cada.

Nos vídeos produzidos pelos alunos, pode-se observar um o olhar de estudantes de arquitetura, apresentado de forma muito sucinta, a respeito dos museus e da cidade que estão sendo estudados. O grupo que trabalhou com o Museu do Doce, observou um pouco do trânsito e das atividades que acontecem no entorno, sugerindo, talvez, que o museu faça parte da cidade, da vida na cidade, das relações que ali se constituem, dos movimentos que ali acontecem.

O grupo do Museu de Arte Leopoldo Gottuzzo, fotografou diversos colegas e professores, colocou-os em ‘molduras’, simulando obras de arte, e produziram um vídeo com uma exposição dessas obras. Poderíamos pensar que eles sentem uma vontade de aproximação com o museu e com o que está exposto lá, necessidade de fazer parte daquilo que está no Museu.

E o terceiro grupo, que trabalhou com o Museu de Ciências Naturais Carlos Ritter, elaborou um possível caminho da Praça até o Museu, em um dia de pouco movimento no centro, possivelmente em um fim-de-semana, o vídeo mostrou o esvaziamento deste espaço em dias em que o comércio não funciona. No fim do caminho, se chega ao Museu, que também está fechado nesse dia.

4. CONCLUSÕES

Os vídeos-conceito propiciam uma análise e contribuem para a discussão do trabalho. A partir da experiência, surgiu a necessidade de outros experimentos, através de recurso audiovisual, com tempo maior e com uma abordagem sobre o espaço físico e o sentido do museu. Foi solicitado aos mesmos grupos a produção de um segundo vídeo, que estão em desenvolvimento.

Destaca-se que foi possível perceber que nem um dos três grupos adentrou o espaço do museu, embora que dois grupos tenham apresentado cenas do entorno deles, da cidade que passa nesse entorno, das relações que ali proliferam, do trânsito, movimentos do território em cada museu está inserido. No momento, busca-se um aprofundamento teórico para análise e construção da cartografia a respeito dos museus e da cidade.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGAMBEN, G. **Homo sacer**: o poder soberano e a vida nua I. Belo Horizonte: UFMG, 2002.

BRASIL. Ministério da Cultura. **Lei nº 11.904, de 14 de janeiro de 2009**. Institui o Estatuto de Museus e dá providências. Brasília, MinC, jan. 2009. Disponível em: <<http://www.museus.gov.br/acessoainformacao/o-ibram/legislacao/leis>>, acessado em 13/04/2014.

DELEZE, G. e GUATTARI, F. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia**. São Paulo: Editora 34, 1995.

ROCHA, E. **Cartografias Urbanas**. In: Revista Projectare. n. 2. p.162-172. Pelotas: UFPel, 2008.